

## O ECLETISMO HISTORICISTA EM PELOTAS: 1870-1931

Carlos Alberto Ávila Santos - UFPel

### Resumo

Este artigo trata do ecletismo historicista que se desenvolveu na arquitetura pelotense entre as datas de 1870 e 1931. Aborda o conceito do termo eclético e suas origens; as peculiaridades do ecletismo da *belle époque*; as rivalidades existentes entre as tendências arquitetônicas no período. Comenta sobre o traslado dessa estética para o Brasil e para Pelotas. Identifica dois momentos distintos do ecletismo historicista nas edificações pelotenses e discorre sobre os exemplares construídos.

**Palavras-chave:** arquitetura; ecletismo historicista; urbanismo.

### Abstract

*The paper is about the historicist eclecticism which developed in the architecture of Pelotas between 1870 and 1931. It discusses the concept of eclectic and its origins; the peculiarities of the belle époque eclecticism, the rivalries between the architectural trends in that time. The article also comments on the transfer of this aesthetic to Brazil and Pelotas. It identifies two distinct moments of Pelotas eclecticism and discusses about the examples built.*

**Key-words:** architecture; historicist eclecticism; urbanism.

Segundo o dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, o termo “eclético” significa: “(...) 1. adjetivo que indica a seleção do que parece melhor em várias doutrinas, métodos ou estilos. 2. composto de elementos colhidos em diferentes fontes. 3. substantivo que identifica o praticante de um método, doutrina ou estilo eclético”.

Etimologicamente, o termo originou-se da palavra grega “*eklektikós*”, que corresponde “(...) ao que escolhe ou, que está apto a escolher”. Na filosofia grega, “*eklektikós*” definia os filósofos que absorviam os melhores ensinamentos de escolas conflitantes. Segundo o dicionário citado, na França, o termo “*éclectique*” data do ano de 1732 e indicava a “(...) denominação de alguns filósofos antigos”. Um século depois, em 1832, a palavra ganhou maior abrangência e passou a determinar aqueles que “(...) não eram exclusivos em seus gostos” e, decorreu na designação de um novo estilo arquitetônico.<sup>1</sup>

Na Europa e, sobretudo, na França, na segunda metade do século XIX duas correntes antagônicas se digladiavam na área da produção arquitetônica: a racionalista e a eclética.<sup>2</sup> As duas estéticas se utilizavam dos novos materiais e técnicas construtivas advindos da industrialização, como os elementos pré-fabricados em série moldados em ferro, conjugados com o vidro e, logo em seguida, o cimento armado. Porém, a primeira valorizava a função que os edifícios deveriam cumprir, dando maior importância aos espaços interiores dos prédios, à organização das plantas das construções, eliminando as ornamentações supérfluas, interiores ou exteriores. A segunda, o ecletismo arquitetônico, cujos arquitetos foram nomeados pejorativamente como “decoradores”, posto que davam grande valor às caixas murais dos prédios através de ornamentações e empregavam diferentes elementos/fragmentos da arquitetura do passado, de culturas próximas ou longínquas, para compor suas fachadas.

Dessas duas correntes rivais na arquitetura da época, são exemplos em Paris: o edifício racionalista da Biblioteca Nacional, construído por Henri Labrouste em 1868, com amplo salão de leitura coberto com abóbada de berço de ferro, agregada à caixa mural de alvenaria; e a construção eclética da Ópera Charles Garnier, erguida pelo arquiteto que lhe deu o nome entre os anos de 1861 e 1874, cuja fachada é composta por arcada romana, colunas com capitéis gregos, frontões cimbrados maneiristas, arrematada por cúpula em ferro e aço na forma de uma coroa que homenageia o segundo Império francês, cujo frontispício é ornamentado com esculturas de ferro fundido pintadas em dourado, representando ninfas e musas alusivas à música e à dança, com movimentação e teatralidade barrocas.

Jean-Pierre Épron mostrou que os arquitetos ecléticos tinham consciência de estarem realizando uma arquitetura de transição entre o período histórico anterior à industrialização e o pós-industrial, e não hesitaram em utilizar em seus projetos e obras os materiais produzidos nas modernas fábricas – como os elementos de ferro pré-fabricados que passaram a compor os “esqueletos” dos edifícios. Também se inspiraram nas soluções construtivas do passado, que contribuíram para o equilíbrio, a estabilidade e a durabilidade dos prédios – o emprego de colunatas das ordens da Antiguidade clássica, os arcos romanos, as cúpulas sobre pendentes bizantinas, as abóbadas românicas, as cúpulas romanas ou renascentistas – justapondo e integrando elementos heterogêneos articulados em uma totalidade arquitetônica.<sup>3</sup>

Épron salientou a abertura dos arquitetos ecléticos para o debate em torno dos projetos criados, que incluíam o estudo e a interpretação dos tratados de arquitetura. Debates eram realizados no interior das academias, escolas e ateliês, e os alunos eram premiados com viagens de estudos, como o *Prix de Rome*, que garantia aos vencedores estágios na capital italiana. Nesses seminários, revelavam-se variadas tendências e se confrontavam e competiam as posturas antagônicas de mestres e discípulos sobre a técnica, a forma e o significado dos edifícios. Na busca por definir seu espaço de atuação entre engenheiros, arqueólogos e políticos, os arquitetos ecléticos deram ênfase aos projetos e à crítica arquitetônica, desenvolvida por meio de um sistema complexo que articulava o debate profissional e político com o debate social, manifestados nos concursos de arquitetura, nos salões e exposições, nas revistas especializadas da área.

Em Paris, a Ópera Charles Garnier, a antiga estação D'Orsay, o Grand Palais, o Petit Palais e a ponte Alexandre III homenagearam a modernização e a modernidade e concluíram as reformas sofridas pela cidade durante a administração do prefeito e arquiteto Barão Georges Eugène Haussmann. A capital francesa foi a primeira metrópole a ter seu espaço urbano reconstruído segundo a ideologia moderna e burguesa, efetuada entre os anos de 1853 e 1882. Os grandes eixos viários criados, pavimentados e arborizados, permitiram a circulação rápida de carros e pedestres, facilitaram a comunicação da população entre os bairros periféricos e o centro da cidade, entre as estações de trem e as áreas de comércio, implicaram na construção de uma quantidade de edifícios ecléticos com duas funções – comercial e residencial. O projeto incluiu a construção de pontes sobre o Senna, também permitiu o deslocamento e movimentação de tropas e canhões, utilizados para dissipar possíveis insurreições dos habitantes – as barricadas.<sup>4</sup>

Desta forma, o estilo arquitetônico eclético foi contemporâneo do urbanismo, ciência que abarcou medidas sanitárias com o objetivo de qualificar a vida nas cidades. As reformas dos centros urbanos buscaram afastar a insalubridade das metrópoles industrializadas. Por um lado, a extinção de bairros e becos infectados, a criação de boulevares e de um conjunto de praças e de parques possibilitaram a insolação e aeração dos espaços públicos e contribuíram para a purificação do ar poluído pelas fábricas. De outro lado, a construção das novas redes de canalização de água potável e de esgotos, acompanhadas da limpeza das ruas, das

fiscalizações e interferências de técnicos da área de higiene buscavam extinguir os surtos epidêmicos, colaborando para com a saúde das populações citadinas.

A reforma urbana de Paris tornou-se modelo para outras metrópoles europeias. Foi também copiada pelos países periféricos, como o Brasil, como é exemplo o “Bota Abaixo” do prefeito e arquiteto Francisco Pereira Passos no Rio de Janeiro, entre os anos de 1902 e 1906, que se desdobrou nas construções ecléticas do Teatro Municipal (1909), cujo projeto do engenheiro Francisco de Oliveira Passos e do francês Albert Guilbert foi inspirado na Ópera de Paris; a Escola e Museu Nacional de Belas Artes (1908), erguida pelo arquiteto espanhol Adolpho Morales de los Rios, que buscou inspiração no Louvre de Visconti e Lefuel; e a Biblioteca Nacional (1910), de responsabilidade de Francisco Marcelino Souza Aguiar. Reformas semelhantes sofreram as cidades de Belém e Manaus, enriquecidas pelo ciclo da borracha; São Paulo, com a produção e exportação do café; Salvador e Porto Alegre. Seguindo a ideologia moderna e burguesa foi criada a nova capital mineira, Belo Horizonte, totalmente planejada e inaugurada em 1897, segundo a nova ciência das cidades, o urbanismo, e a nova arquitetura, o ecletismo.<sup>5</sup>

Assim como o urbanismo e o ecletismo atingiram as capitais dos países de periferia como o Brasil, a nova ciência e a moderna arquitetura alcançaram as cidades periféricas do território nacional, como os núcleos urbanos da fronteira meridional. Já na década de 1870, e até antes desta, foram construídos prédios ecléticos nas localidades da campanha gaúcha. A Matriz de São Sebastião de Bagé foi concluída em 1862. A Alfândega de Rio Grande foi erguida entre os anos de 1875 e 1879. Em Pelotas, foram edificadas na década citada as residências do charqueador Felisberto Braga, de Cândida Dias, da Baronesa do Jarau, de Maria Jacinta Dias de Campos, do Barão de Cacequi, do Barão de São Luis, entre outras. Em 1877, foi inaugurada a capela de São João Batista, na Santa Casa. Em 1879, teve início a construção do prédio eclético da Intendência pelotense.

Nos prédios erguidos no período anterior à Lei Áurea, os canteiros de obras utilizaram a mão de obra escrava, sobretudo, nos meses de inverno, momento de entressafra das charqueadas.<sup>6</sup> Por exemplo, a construção do pavimento térreo da Biblioteca Pública Pelotense contou com doações da comunidade: tijolos, telhas, areia, argamassa, madeira e marcos de cantaria foram ofertados. Muitos senhores

de escravos disponibilizaram as horas de trabalho dos cativos. No mês de março de 1878, Manoel Gonçalves Detroyat ofereceu “*um seu escravo oficial de pedreiro*”, para trabalhar durante seis meses no projetado edifício.<sup>7</sup>

Luciano Patetta detectou “(...) *uma linha contínua em toda a trajetória da arquitetura burguesa (...)*” que se desenvolveu no Velho Mundo entre a metade do século XVIII e o final do XIX.<sup>8</sup> Ou seja, o autor estabeleceu uma possível relação entre o neoclassicismo, o romantismo e o ecletismo. O que não quer dizer que a arquitetura praticada nesse período compusesse uma única corrente estilística, mas, se manifestaram nas três diferentes tendências arquitetônicas peculiaridades que *grosso modo* se assemelharam, já que os arquitetos neoclássicos, românticos e ecléticos buscaram inspiração em estilos pretéritos para a realização de seus projetos. Porém, os neoclássicos e românticos, antagônicos entre si, se voltaram para períodos bem definidos – os primeiros elegeram o classicismo da Antiguidade e da Renascença italiana, os segundos optaram pela arquitetura medieval – dessa maneira praticaram revivalismos. Os ecléticos deram asas à imaginação e se inspiraram em estilos de diferentes épocas e de civilizações distintas, praticando, assim, o historicismo.

Na arquitetura de Pelotas, o ecletismo historicista se desenvolveu entre os anos de 1870 e 1931 e, como na Europa, foi contemporâneo do urbanismo. Entre as datas citadas se consolidou o espaço urbano do município, com traçado “(...) *em retícula irregular heterogênea com quadrícula*”, que ordenou as ocupações já existentes e adaptou-se à demarcação e divisão geométrica da área, facilitando a comercialização dos lotes.<sup>9</sup> De acordo com Gilberto Yunes, no Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XIX, os planos reticulados manifestaram a assimilação da modernização e permitiram que vários aspectos da estrutura urbana, como o abastecimento de água, saneamento, higiene, iluminação, alinhamentos e regularização dos lotes, fossem incorporados à administração do espaço público, sob o suporte viário. A implantação dos traçados reticulados, com ruas paralelas que se desenvolvem no sentido leste-oeste, cortadas por vias perpendiculares traçadas no sentido norte-sul, permitiu a insolação dos quarteirões que se formaram e dos edifícios edificadas. O sol matinal banha os limites periféricos dos quarteirões e as fachadas dos prédios voltados para o leste e para o norte. À tarde o sol incide sobre as laterais das quadras e dos frontispícios voltados para o oeste e para o sul.

No interior dos quarteirões, os lotes se desenvolviam perpendicularmente às ruas, apresentavam largura variável – que acordava com o poder econômico dos compradores, na aquisição de dois ou vários lotes – e se estendiam em profundidade determinada pelas dimensões das quadras. As construções foram erguidas junto ao limite das vias públicas, com quintais nos fundos, perfiladas de maneira contínua junto aos alinhamentos periféricos dos quarteirões. Os lotes de esquina, por permitirem a construção de prédios que se destacavam dos demais por poderem explorar duas fachadas, foram disputados pelos ricos proprietários de construções residenciais e comerciais e, sobretudo, pelas casas bancárias.

Entre as datas de 1870 e 1931 foram implantados no espaço público pelotense os melhoramentos decorrentes da industrialização e do urbanismo – as canalizações de água e as redes de esgotos, a iluminação pública e privada a gás e elétrica, a pavimentação de ruas e de avenidas com o “systema Macadam”,<sup>10</sup> com paralelepípedos de granito, a arborização das praças e das artérias urbanas – assim como os meios de comunicação, como o telégrafo e o telefone e os transportes coletivos ou individuais, os bondes com tração animal e elétricos e os automóveis que, conseqüentemente, com seus equipamentos e necessidades, implicaram na reformulação das áreas coletivas e dos edifícios públicos ou privados.

A navegação marítima, fluvial e lacustre possibilitou as exportações do charque e de seus derivados e as importações dos novos materiais e técnicas empregados na obras de engenharia ou de arquitetura. A estrada de ferro, que ligou Rio Grande, Pelotas e Bagé no ano de 1884, favoreceu as exportações e as importações e ampliou a troca de mercadorias entre as três cidades. A proximidade da fronteira com os países platinos permitiu o traslado de diferentes construtores imigrantes estrangeiros, que para Pelotas se deslocaram em busca de melhores condições de trabalho. Foram esses imigrantes, sobretudo os italianos, que introduziram na região o ecletismo historicista. Durante o período estudado, no porto pelotense atracavam navios trazendo variadas máquinas, materiais construtivos e equipamentos urbanos, como, os chafarizes franceses e o reservatório escocês, fabricados em ferro fundido,<sup>11</sup> destinados à distribuição de água potável; os postes da iluminação pública, moldados com o mesmo material; as fiações do telégrafo ou

do telefone e seus diferentes aparelhos; os trilhos e os bondes elétricos; os automóveis e os caminhões; as “britadoras” e as “locomotoras” utilizadas nas pavimentações; as bombas e os tubos de ferro para as canalizações de esgoto.

Os navios também trouxeram, de variados pólos do mundo europeu, os elementos funcionais e ornamentais que foram agregados às caixas murais dos palacetes ecléticos historicistas. As ferragens dos gradis dos muros e os portões dos prédios, os guarda-corpos em ferro fundido ou forjado das sacadas dos casarões, as marquises que protegem as portas principais das residências, das casas bancárias e dos teatros, as armações das lanternas em ferro e vidro que iluminaram as alcovas e as estruturas em ferro e vidros coloridos que cobrem os vestíbulos e os jardins de inverno de muitas casas. Os estuques decorativos adoçados às fachadas dos edifícios, ou agregados às paredes interiores ou aos tetos das principais salas das moradias assobradadas. As estátuas moldadas em cimento ou em cerâmica alouçada dispostas sobre as platibandas ou sobre os frontões das construções. Todos esses elementos enriqueceram as edificações, atenderam ao interesse da classe dominante em exteriorizar as suas ideologias e o seu poder econômico.

Também concorreram para a suntuosidade dos prédios: os vidros coloridos das bandeiras das janelas; as grandes vidraças das portas-sacada, muitas vezes decoradas com ácido e apresentando guirlandas, frisos e os monogramas dos proprietários; as portas de entrada esculpidas em madeira ou trabalhadas com almofadas; as aldrabas, as maçanetas e os porta-cartas de bronze. Nos *halls* de entrada: os para-ventos estruturados em madeira, com pinásios com desenhos geométricos ou florais, preenchidos com vidros coloridos; os degraus de mármore das escadarias de acesso aos interiores; as paredes decoradas com escaiolas e azulejos importados.

Os anos compreendidos entre as datas de 1870 e 1931 marcaram o apogeu econômico de Pelotas, que possibilitou através dos navios e dos trens, a introdução, a consolidação e o desenvolvimento do ecletismo historicista nos programas de composição das caixas murais dos prédios edificadas – públicos, semipúblicos e privados. Dois momentos distintos se definiram no ecletismo historicista pelotense: o primeiro, denominado de “**consolidação**” do estilo, foi erguido entre os anos de

1870 e 1889; o segundo determinado como de “**desenvolvimento**” dessa estética arquitetônica, ocupou o período de 1890 a 1931.

O período de consolidação do novo estilo arquitetônico se desenvolveu durante o regime imperial, quando se firmou na localidade uma sociedade latifundiária e escravista, enriquecida pela criação de gado e pela exploração e exportação de produtos originados da matança nas charqueadas. Ao lado de estancieiros e charqueadores, ascenderam agricultores, comerciantes, capitalistas e proprietários de manufaturas que, com os primeiros, formaram a elite da zona urbana. Enriquecidos economicamente, enobrecidos pelos títulos concedidos pelo imperador, esses privilegiados se vincularam ao processo de construção da cidade.

O apoio prestado pelos proprietários de terras e de animais ao governo do Império foi retribuído muitas vezes com títulos nobiliários que receberam esses senhores. Durante a Guerra do Paraguai, empenhados nesta luta muitos fazendeiros engrossaram os exércitos com seus peões e escravos, ou contribuíram com cavalos para as tropas e com reses para a alimentação dos soldados. A aliança com o governo imperial concorreu para o surgimento de uma aristocracia formada, logicamente, pelos grandes proprietários de terras.

A arquitetura desse período revelou construções com tendência à horizontalidade e fachadas com composições simétricas, ricamente ornamentadas com elementos de estuque, encimadas por platibandas e coroadas com esculturas de gosto clássico. Os frontispícios dos palacetes se dividiam em três partes verticalmente: o porão alto, a fachada propriamente dita e o coroamento feito pelas platibandas. No sentido horizontal, se mantinha a divisão tripartida das fachadas, ressaltada por um módulo central saliente ou reentrante em relação aos laterais, reforçada pelas pilastras que determinavam as três diferentes seções e pelo frontão que arrematava o módulo central. As construções arquitetônicas materializaram a riqueza, o poder e a cultura que os grandes senhores buscavam ostentar, traduzidos nas ornamentações das fachadas dos prédios erguidos. Dessa maneira, os proprietários exibiam a sua superioridade sobre as camadas sociais menos privilegiadas e rivalizavam entre si na execução de edifícios imponentes.



As fachadas das construções, que equilibram cheios e vazados e muitas vezes alcançaram grandiosidade, resultaram em sólidos edifícios de influência italiana. Essas peculiaridades satisfaziam os anseios da classe dominante em externar seu privilégio econômico. A complexidade das ornamentações materializou o interesse da elite em evidenciar sua ascensão cultural, na utilização de estilemas clássicos: as diferentes ordens arquitetônicas da Antiguidade e as escaíolas que imitam o mármore. Uma grande diversidade de signos da mitologia greco-romana – as ninfas, as musas e as cariátides, os deuses, os atlantes e os *putti* –, cristalizou a relação da classe privilegiada com o mundo europeu industrializado. Esses ornamentos, até então inexistentes nos edifícios residenciais da cidade, caracterizaram a arquitetura moderna que se consolidava na localidade.

Por um lado, a demanda construtiva estimulou a criação e o desenvolvimento de firmas especializadas na produção e reprodução dos ornamentos utilizados, que buscavam imitar aqueles importados, tanto nas formas desses elementos como nas técnicas exploradas, o que deve ter barateado os custos das decorações externas e internas dos edifícios. Por outro, os construtores apressaram-se em criar projetos de composições de fachadas ordenados em catálogos, que incluíam os ornatos estrangeiros ou regionais, buscando atrair o interesse dos possíveis e futuros proprietários e garantindo os lucros através da execução dos trabalhos.

Erguidas junto aos alinhamentos frontais dos lotes de terreno, nas esquinas dos quarteirões ou no meio das quadras, grande parte das residências utilizou vazios centrais ou laterais – fechados por muros de alvenaria e gradis com portões de ferro. Estes vazios foram organizados em jardins ou corredores de serviços e propiciaram a ventilação e aeração dos ambientes interiores. Os deslocamentos iniciais das construções em relação aos limites laterais dos lotes traduziram a postura dos construtores na incorporação do espaço externo à arquitetura residencial e determinaram a extinção das antigas alcovas do período colonial.<sup>12</sup>

A residência do Barão de Cacequi, localizada em esquina de quarteirão, utilizou dois diferentes espaçamentos. Um deles guardou distância em relação à casa vizinha, o outro dividiu a construção em dois diferentes blocos. O primeiro módulo ocupa a esquina da quadra, onde interiormente se desenvolvia a área social e íntima da residência e recebeu maior número de ornamentações. O segundo

módulo abrigava a área de serviços e possui decoração simples. Nesse módulo, grandes portões de madeira davam entrada para as cocheiras e eram também utilizados para os serviços domésticos e a retirada das águas servidas e materiais fecais. Isto ocorreu até o ano de 1914, quando foram implantados os esgotos e as residências tiveram os interiores reformados para receber essa modernização.

As fachadas eram pintadas com tintas à base de cal. Eram usadas cores pastéis. Os ornamentos de estuque recebiam tons de branco ou creme e se destacavam das áreas coloridas.<sup>13</sup> Ao aspecto frágil dos estuques respondia a impressão resistente das paredes, intensificado pelo jogo cromático. Os socos muitas vezes eram pintados em cores mais escuras que o restante das paredes, o que preservava a pintura das manchas dos respingos das chuvas ao cair nas calçadas. Algumas vezes o colorido era invertido, ou seja, as paredes eram pintadas em cores claras e os relevos explorados em tons escuros, mas esse procedimento não era o comumente utilizado. As aberturas de madeira eram envernizadas ou pintadas com tintas coloridas e muitas delas recebiam cores escuras. Nos sobrados as portas e janelas tinham tratamento cromático diferenciado: geralmente recebiam cores escuras no térreo e tons claros no pavimento superior. Os gradis das sacadas eram pintados tanto em cores claras como em tons escuros.

O momento de desenvolvimento do estilo eclético historicista na arquitetura da cidade (1890-1931), iniciou com a Abolição da Escravatura e se desenvolveu durante a Velha República, contando com a mão de obra remunerada. Nesse período, apareceram os primeiros automóveis importados e mais tardiamente os aviões. Foram instaladas as redes de esgotos. A iluminação elétrica trouxe novas transformações à cidade: surgiram os bondes movidos à eletricidade, o cinema e o rádio. Foram criadas indústrias, que concorreram para o nascimento de novas classes sociais. A primeira, formada pelos industriais, se misturou à elite existente e com ela disputou os espaços social e geográfico da área urbana. A segunda, o operariado, socialmente marginalizado, foi excluído para os bairros periféricos. Entre elas, formou-se uma classe média, que se distribuiu no entorno do bairro central.

No Rio Grande do Sul, a instauração da República desencadeou na Revolução Federalista. Em 1893, a guerra civil se propagou pela campanha entre adeptos do Partido Republicano Rio-Grandense e filiados do Partido Federalista,

que almejavam a administração do estado. A revolução só acabou em 1895, com a instalação da Assembleia de Representantes pelo então presidente da Província, Júlio de Castilhos. Os republicanos saíram vitoriosos do conflito, mas a classe dominante restou dividida, marcada por rancores entre vencedores e vencidos.<sup>14</sup>

Na arquitetura edificada no período de desenvolvimento do ecletismo, as fachadas tripartidas perderam o equilíbrio simétrico e as esculturas clássicas que ornavam as platibandas na fase anterior, foram substituídas por alegorias que louvavam a República, sobretudo nos projetos edificados para aqueles que militavam pelo Partido Republicano Rio-Grandense. Sinalizou Alan Colquhoun que o estilo eclético abarcou a possibilidade dos estilemas pretéritos insinuarem ideologias.<sup>15</sup> Nesse período, surgiram as vilas residenciais e as vilas operárias.

Com a abolição do trabalho escravo, a mão de obra dos imigrantes estrangeiros se somou aos serviços dos cativos alforriados nos canteiros de obras. Novos materiais e novas técnicas continuaram chegando através do porto e da estação férrea. Empregadas nas construções, as novas técnicas e materiais, bem como a mão de obra especializada concorreram para a evolução do ecletismo historicista na arquitetura edificada. Com a Proclamação da República, a ornamentação clássica das fachadas somou elementos do positivismo e do novo regime de governo, ideologias às quais se engajaram as classes dominantes rio-grandenses. Essas transformações implicaram numa nova concepção arquitetônica, que apresentou permanências e rupturas com o período de consolidação do estilo, constituindo o segundo momento de “desenvolvimento” da linguagem eclética na arquitetura da cidade, manifestado entre os anos de 1890 e 1931.

O casarão assobradado do Capitão Antonio Rodrigues Ribas, construído entre os anos de 1907 e 1908, é exemplo de permanências e rupturas que se manifestaram no período de desenvolvimento do ecletismo historicista pelotense. Os elementos funcionais e ornamentais do programa fachadístico repetem a influência italiana que caracterizou o momento de consolidação do ecletismo em Pelotas: o porão alto com suas rusticações; as falsas colunas com capitéis clássicos; os arcos romanos do vestíbulo; os frontões; a platibanda que esconde o telhado e as canalizações do escoamento pluvial. Porém, a escadaria de acesso e o vestíbulo avarandado, na lateral da caixa mural, romperam com a simetria praticada entre os

anos de 1870 e 1889. Ao mesmo tempo, como o palacete foi erguido em grande terreno afastado do centro da cidade, a construção está bastante recuada dos limites laterais do lote. Esses espaços foram ocupados por jardins, e evidenciam a preocupação do construtor com a iluminação e a aeração dos ambientes interiores.

As vilas residenciais romperam com as características do período de consolidação do ecletismo historicista pelotense, foram encomendadas pelos industriais proprietários das recentes fábricas instaladas na cidade. Normalmente, se constituíram em sobrados, cujos pavimentos térreos eram divididos em áreas sociais e de serviços. Nos pavimentos superiores se distribuía os dormitórios e banheiros. Construídas no centro de lotes ajardinados, as vilas residenciais apresentam quatro diferentes fachadas voltadas para os jardins. Aquelas que dão para as áreas de serviços são menos ornamentadas. As fachadas restantes revelam soluções decorativas distintas, que abandonaram as composições tripartidas e simétricas. Como as áreas nobres da cidade estavam ocupadas por edifícios mais antigos, as vilas residenciais foram erguidas em terrenos afastados do núcleo central urbano, o que favoreceu a compra de grandes lotes pelos industriais. Dessa maneira, a classe burguesa ascendente se tornou proprietária de parcelas de terras que rapidamente foram valorizadas.<sup>16</sup> Os terrenos ajardinados se constituíram em mais um requinte das construções residenciais, articulados com as ideias de salubridade da urbe através da arborização das ruas e dos jardins coletivos ou privados.

As fachadas dos edifícios ostentaram elementos peculiares às terras de origem dos proprietários e ampliaram o historicismo eclético pelotense, mesclando tendências italianas, inglesas e germânicas. A construção da Vila Augusta, erguida para residência de Carlos Ritter, de origem alemã e proprietário da Cervejaria Ritter, remete aos prédios maneiristas italianos. O patamar que circunda o sobrado é delimitado por balcão com balaústres, ao qual responde a platibanda. No módulo central da fachada tripartida e simétrica, um pórtico é sustentado por colunas *palladianas* e coroado por frontão.

O romantismo inglês particulariza a Vila Eulália, encomendada para moradia do administrador do Frigorífico Anglo em Pelotas. O teto aquilino tem beirais salientes e calhas metálicas que se estendem pelas superfícies das paredes às

canalizações de esgotamento das águas pluviais. Os beirais são suportados por cachorros de madeira, caprichosamente trabalhados em curvas e volutas.

Peculiaridades germânicas se manifestaram na Vila Laura, edificada para residência do alemão Frederico Carlos Lang, proprietário da Fábrica Lang, como também em outras vilas residenciais: os corpos salientes que abrigam as janelas, as *bay windows*; os torreões erguidos nos ângulos das caixas murais; o emprego de madeira aparente na superfície das paredes – técnica característica do período gótico, sobretudo na difusão do estilo na Europa setentrional e central –, ou da imitação da mesma utilizando relevos de estuque; os telhados cobertos com telhas francesas, pontiagudos e recortados em múltiplas águas, índices da mecanização e da civilização desenvolvida europeia.<sup>17</sup>

Na simplicidade que exhibe, determinada por restrições econômicas, a vila operária erguida em um beco sem saída rasgado em lote de meio de quadra fronteiro a Praça Cypriano Barcellos, as fachadas das casas em fita, de porta e janela, apresentam altos porões, cornijas e platibandas cegas. Um muro de alvenaria com grades e portão de ferro separava a rua habitacional da via principal.

O historicismo eclético foi empregado nas edificações comerciais e nos prédios com fins culturais: os clubes, os teatros, os cinemas e as escolas. A maior parte destes edifícios não apresenta porão alto, facilitando o acesso aos fregueses, aos frequentadores e aos alunos desses estabelecimentos, como também o transporte de mercadorias, cenários e aparelhos diversos.

As lojas, com um ou dois pavimentos, passaram a ostentar amplas vitrines inseridas em armações metálicas que compunham os frontispícios, protegidas com toldos de lona, com “grades de gaita”<sup>18</sup> ou com cortinas também metálicas, onde eram exibidas as últimas novidades da moda feminina, masculina ou infantil.

As casas bancárias assimilaram a influência francesa visível nas sedes do antigo Banco do Brasil ou do Banco Pelotense, como também no Grande Hotel. Erguidos em cimento armado nas esquinas dos quarteirões, esses prédios adotaram a solução dos edifícios *haussmannianos* de Paris, com dois segmentos de fachada que convergem para os torreões cilíndricos ou chanfrados que abrigam os pórticos de entrada aos ambientes interiores, arrematados com cúpulas metálicas.

As três construções apresentam porão alto, o que contribuiu para a aparência majestosa das edificações almejada pelas três diferentes firmas. O soco entalhado em granito na antiga sede do Banco do Brasil ancorava a construção sobre o chão e comunicava a ideia de segurança dos serviços prestados pela companhia. No subsolo do Banco Pelotense foram instalados os cofres da empresa. O porão do Grande Hotel abrigou os serviços necessários ao atendimento dos hóspedes.

O ecletismo historicista se desenvolveu nas caixas murais dos edifícios privados, públicos e semipúblicos de Pelotas. Criou-se um imaginário arquitetônico nas construções erguidas pela classe dominante, que foi copiado nas edificações realizadas para aqueles não tão privilegiados economicamente e nas vilas operárias. Edificado na cidade entre as datas de 1870 e 1931, por meio da iconografia explorada nos frontispícios, o estilo respondeu ao interesse da população em exibir uma maneira de viver idealizada nos princípios da modernidade da *belle époque*, transpostos através do oceano Atlântico para o Novo Mundo.

<sup>1</sup> SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauo) Universidade Federal da Bahia, 2007. p. 16.

<sup>2</sup> ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 85.

<sup>3</sup> ÉPRON, Jean-Pierre. **Comprendre l'eclectisme**. Paris: Édition Norma, 1997. pp. 17 a 21.

<sup>4</sup> SANTOS. Op. cit. pp. 13 a 17.

<sup>5</sup> Ibid. pp. 39 a 49.

<sup>6</sup> GUTIERREZ, Ester. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Ed. Universitária, 1993. p. 229.

<sup>7</sup> Importante donativo. **CORREIO MERCANTIL**. Pelotas, p. 1, 13 mar. 1878.

<sup>8</sup> PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel/USP, 1987. p. 14.

<sup>9</sup> YUNES, Gilberto Sarkis. **Cidades reticuladas: a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1995. p. 53.

<sup>10</sup> Sistema que utilizava pedras britadas e saibro na pavimentação das ruas, criado pelo escocês John McAdam e utilizado na pavimentação dos bulevares parisienses, quando da reforma urbana de Haussmann.

<sup>11</sup> XAVIER, Janaina Silva. **Chafarizes e Caixa D'Água de Pelotas: elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871)**. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, 2006. p. 120.

<sup>12</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 48.

<sup>13</sup> NAUMOVA, Natalia. **Definição das cores do ambiente urbano no centro histórico de Pelotas, RS**. Primeira Etapa. (Relatório de pesquisa). Núcleo de Estudos de arquitetura Brasileira. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel e FAPERGS, 2002.

<sup>14</sup> TRINADADE, Hélio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano Rio-Grandense (1882-1937). In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius. **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 126.

<sup>15</sup> COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 27.

<sup>16</sup> SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. La construcción social de la forma urbana: La ciudad de Pelotas (Brasil) en la transición de los siglos XIX y XX. In: **Scripta Nova** - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 10, nº 218. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/nova.htm>>. Acesso em: 11 outubro 2006.

<sup>17</sup> REIS FILHO. Op. cit. p. 160.

<sup>18</sup> Construções de ferro. **DIÁRIO POPULAR**. Pelotas, p. 3, 21 mar. 1925.

---

**Referências:**

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, 2007.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ÉPRON, Jean-Pierre. **Comprendre l'eclectisme**. Paris: Édition Norma, 1997.

GUTIERREZ, Ester. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Ed. Universitária, 1993.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel/USP, 1987.

YUNES, Gilberto Sarkis. **Cidades reticuladas: a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1995.

XAVIER, Janaina Silva. **Chafarizes e Caixa D'Água de Pelotas: elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871)**. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, 2006.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

NAUMOVA, Natalia. **Definição das cores do ambiente urbano no centro histórico de Pelotas, RS**. Primeira Etapa. (Relatório de pesquisa). Núcleo de Estudos de arquitetura Brasileira. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel e FAPERGS, 2002.

TRINADADE, Hélio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano Rio-Grandense (1882-1937). In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius. **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

---

COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. La construcción social de la forma urbana: La ciudad de Pelotas (Brasil) em la transición de los siglos XIX y XX. In: **Scripta Nova** - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 10, nº 218. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/nova.htm>>. Acesso em: 11 outubro 2006.

**Carlos Alberto Ávila Santos**

Mestre em Teoria, Crítica e História da Arte pelo Instituto de Artes da UFRGS. Doutor em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro – pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Professor de História da Arte do Centro de Artes da UFPel. Coordenador do Curso de Especialização em Artes do CA/UFPel. Docente do Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural do ICH/UFPel.